

Libras: algumas reflexões sobre a sintaxe**Libras: some reflections about syntax**

*Marcio Cotovicz**
marcio.cotovicz@gmail.com
Universidade Federal do Paraná

*Eliziane Manosso Streiechen***
lizi_st@yahoo.com.br
Universidade Estadual do Centro-Oeste

*Samuel Antoszcyszen****
samfeel@hotmail.com
Instituto SAM

RESUMO: Este artigo tem por objetivo observar e discutir o aspecto estrutural das sentenças na Libras, língua oficial da comunidade surda brasileira, que atualmente tem sido aprendida por surdos e ouvintes. A pesquisa, de cunho bibliográfico, apoia-se, principalmente, nos trabalhos de Brito (1995), Quadros (1999), Quadros e Karnopp (2004), as quais postulam que essa língua, de modalidade visual-espacial, organiza espacialmente os constituintes da sentença, tendo como ordem básica a estrutura SVO e, a partir desta, outras ordenações sintáticas são construídas. O trabalho conceitua o que se entende por sintaxe e explora o componente verbal da Libras, por este ter um papel preponderante na organização das sentenças, que podem ser SVO, OSV, SOV e VOS, ao passo que, destas, ocorre uma maior preferência pela estrutura OSV, fato que pode estar relacionado com as necessidades de percepção visual pela qual a língua é operada por seus usuários.

PALAVRAS-CHAVE: Libras. Sintaxe. Sentença.

ABSTRACT: This article aims, through a bibliographical survey, to observe and discuss the structural aspect of sentences in Libras, the official language of the Brazilian deaf community, which has been learned by deaf and listeners. The research is based mainly on the works of Brito (1995), Quadros (1999), Quadros and Karnopp (2004), who postulate that this visual-spatial language organizes the constituents of the sentence spatially, taking SVO as the basic order structure and from it, other syntactic orderings are constructed. The paper conceptualizes what is understood by syntax and explores the verbal component of Libras, because it plays a preponderant role in the organization of sentences, which can be SVO, OSV, SOV and VOS. Out of these, there is a greater preference for the OSV structure, which may be related to the needs of visual perception through which the language is operated by its users.

KEYWORDS: Libras. Syntax. Sentence.

* Especialista em Educação Especial com Ênfase em Libras, Mestrando em Linguística pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).

** Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Ponta Grossa, PR, Brasil. Professora de Libras da Universidade Estadual do Centro-Oeste, PR, Brasil.

*** Psicólogo, Especialista em Filosofia e Psicanálise, Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Centro-Oeste, PR, Brasil

Introdução

“Linguagem é um espelho da mente em seu sentido mais profundo e significativo, um produto da inteligência humana, criado de maneira nova em cada indivíduo, de acordo com uma operação que está muito além do alcance da vontade ou da consciência” (CHOMSKY, 1980, p.12).

Quando se discute a finalidade das línguas, uma das primeiras características marcadas é a comunicação entre os usuários. Comunicar-se é uma tarefa necessária que está ligada com a vida em sociedade e, para que ocorra, a existência de um código em comum é primordial.

Para comunicar-se, então, haverá a necessidade do sujeito adquirir o código da língua em que está exposto, ou apenas ativar algo que já faz parte de si¹, tarefa essa que acontece na medida em que o sujeito entra no mundo da linguagem, ao interagir com seus pares. Entretanto, em alguns casos, o sujeito pode encontrar algumas barreiras no processo de aquisição da língua da comunidade à qual se insere, como é o caso dos surdos que adentram o mundo majoritário de ouvintes.

Adquirir a língua em uma comunidade que tem um sistema de comunicação diferente das suas possibilidades biológicas é uma tarefa de extrema dificuldade. Isso se dá pelo fato de que os surdos operam a língua de uma forma diferenciada da dos ouvintes. Estes utilizam o canal auditivo e aqueles o canal visual como meio de percepção e recepção do sinal linguístico. Esse fator foi por muito tempo ignorado e assim métodos de ensino Oralistas² acorrentaram o desenvolvimento do povo surdo.

Formando um grupo minoritário, suas conquistas são marcadas por histórias de lutas. Ser surdo em um mundo de ouvintes ainda é uma grande barreira para esses sujeitos, mas as lutas por fazer valer seus direitos como cidadãos em uma

¹ De acordo com a teoria inatista de Chomsky (1980), a criança possui um dispositivo inato de aquisição da linguagem (DAL), o qual é ativado no momento em que a criança é inserida em uma determinada língua. Para a abordagem cognitivista-construtivista de Piaget (2007), a aquisição da linguagem é uma fase dependente do desenvolvimento da inteligência da criança. A visão interacionista de Vygotsky (1987) leva em consideração os fatores sociais, comunicativos e culturais para o processo de aquisição da linguagem.

² O método Oralista procurava reabilitar a fala da criança surda, com o intuito de torna-la igual aos demais membros da sociedade. Esse método foi aprovado no Congresso de Milão/Itália, fato que proporcionou grande prejuízo para o desenvolvimento da educação dos surdos (STREIECHEN, 2013).

sociedade têm proporcionado grandes conquistas, como é o caso da Lei 10.436³, de 24 de abril de 2002, que reconhece a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como língua natural da comunidade surda. A citada lei foi regulamentada pelo Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que, dentre suas providências, torna obrigatória a inserção da disciplina de Libras nos cursos de licenciatura e fonoaudiologia.

Assim, nos últimos anos tem ocorrido uma maior difusão do ensino da Libras para atender, em partes, a legislação vigente. Com isso, a Libras⁴, que é a língua natural utilizada pela comunidade surda brasileira (STREIECHEN, 2013), tem sido aprendida tanto pelos surdos quanto por ouvintes. Essa questão gerou o interesse em fazer um levantamento bibliográfico do que se tem discutido na literatura da área sobre o aspecto estrutural das sentenças em Libras. Entende-se aqui que toda a aprendizagem de uma segunda língua (L2) implica em conhecer como se dá o arranjo das sentenças⁵, visto que os constituintes menores, os sintagmas, se estruturam numa relação de interdependência. Destarte, o questionamento que aqui se levanta é como se dá a estruturação das sentenças na Libras?

Para que a comunicação em Libras ocorra, como em qualquer outra língua, é necessário, além da aquisição do vocabulário, saber organizar os sinais dentro de sentenças. Assim, esta pesquisa buscará, em fontes bibliográficas, o que se tem discutido sobre a sintaxe da Libras. Para tal, em um primeiro momento de discussões, a pesquisa explora o conceito geral de sintaxe e traça um panorama dos estudos da sintaxe da Libras. Em um segundo momento é discutida a estrutura sintática da Libras, momento em que a pesquisa aborda, também, o componente verbal dessa língua, visto que este se faz de crucial importância para o entendimento das possibilidades sintáticas. A quarta etapa da pesquisa discute e exemplifica, por meio de imagens de sinalizações realizadas em Libras, as possibilidades de construções sintáticas que podem operar nessa língua. No último tópico, faz-se um apanhado das discussões realizadas e levanta-se a hipótese de que a estrutura sintática “preferida” pela Libras pode estar relacionada com as necessidades de percepção visual pela qual a língua é operada por seus usuários.

³ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm

⁴ A Libras é oficialmente reconhecida como meio legal de comunicação e expressão da comunidade surda brasileira pela Lei 10.437, de 24 de abril de 2002. Tal Lei foi regulamentada pelo Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005.

⁵ Sentença é unidade da sintaxe estruturada por um verbo que seleciona seu sujeito e seus complementos (CASTILHO, 2010).

Apontados os rumos desta pesquisa, na sequência será realizada uma breve conceituação do que se entende por sintaxe.

1 Conceito geral de sintaxe

No âmbito dos estudos, a sintaxe é a disciplina que estuda a estrutura das sentenças, ou seja, estuda o arranjo sintático natural das línguas. Segundo a teoria semiótica de Peirce (2000), todo signo constitui-se de duas faces: significante e significado⁶. A sintaxe, então, trata de encadear os constituintes menores para assim formar unidades maiores; ou seja, unidades menores, como os sinais⁷, que são signos linguísticos, são estruturadas de forma lógica construindo sentenças que se configuram em outros signos, pelo fato de formarem uma unidade significativa (VIOTTI, 2008).

Segundo Souza e Silva (2002), as sentenças de uma língua constituem-se por meio da combinação de elementos linguísticos segundo certos princípios. A sintaxe da língua determina como se dá a combinação dos elementos para que se efetive o ato comunicativo. O ato comunicativo é realizado por meio da combinação de elementos, visto que as línguas em si funcionam como sistemas combinatórios discretos (CHOMSKY, 2010).

Nos termos da Gramática Gerativa, a capacidade de organizar os itens lexicais em uma sentença está relacionada com a competência linguística que todo falante tem sobre sua língua. Sem passar por nenhuma formação formal sobre esse assunto, o falante é competente linguisticamente para formar sentenças inteligíveis e ao mesmo tempo saber o que é possível ou não, em termos gramaticais, em sua língua (NEGRÃO et al, 2003).

As línguas não permitem muita mobilidade na estruturação das sentenças. As infinitas possibilidades comunicativas, que as línguas permitem, se efetivam por meio de conjuntos finitos de regras (CHOMSKY, 1965). Essa relação de regras finitas e possibilidades infinitas de construções é simplesmente comprovada pelo fato de que você, leitor que domina o código deste texto, consegue ler o que aqui

⁶ O aspecto sensorial é chamado de significante e o aspecto compreensível de significado. Por um processo de convenção cria-se os signos, exemplo: uma placa de trânsito com a letra alfabética “E” cortada verticalmente por uma barra “/”, transmite uma mensagem/ordem de proibição de estacionamento.

⁷ Entenda por “sinais” as unidades significativas da Libras: sinal de menino, sinal do verbo comer, sinal de bolo etc.

está sendo escrito e deve concordar, também, que são poucas as mobilidades do arranjo estrutural das palavras nas sentenças, sendo que a fuga daquilo que se entende por um acordo tácito entre os usuários da língua interromperia a comunicação.

Assim, pode ser dito que as regras sintáticas têm como objetivo garantir a inteligibilidade comunicativa entre os falantes, funcionando como um

elemento gerador e disciplinador das unidades linguísticas que compõem as frases desse texto. É a sintaxe, sem dúvida, o princípio construtivo e mantenedor da identidade a língua e, como tal, tem sua importância alçada a de assegurar a própria capacidade comunicativa dos textos (SAUTCHUK, 2004, p. 36).

Conforme mencionado anteriormente, o falante de sua língua materna tem de forma inata os conhecimentos para, desde muito cedo, formular enunciados gramaticalmente⁸ corretos em sua língua (NEGRÃO et. al, 2003). Entretanto, quando o assunto é a aquisição de uma L2, deve ser levado em consideração o fato de que, algumas vezes, o aprendiz não tem o contato direto com a língua que está aprendendo. O aprendizado se dá por partes, por meio das metodologias de ensino, assim todo o ensino de uma L2 não pode abdicar da gramática (FRANCO, 1989).

1.1 Estudos da sintaxe da Libras

Um dos nomes importantes na história dos estudos da Libras é Lucinda Ferreira Brito, que tem desde o início dos anos 1980 se dedicado aos estudos dessa língua. Publicou, em 1995, a obra *Por uma gramática de línguas de sinais*.

Namura (1982), orientada por Ferreira-Brito, desenvolve uma dissertação de mestrado com a temática *A Ordem Sintática e a Repetição na Língua de Sinais em São Paulo*, trabalho que se configura como um marco no estudo da estrutura sintática da Libras.

As discussões seguem com Brito (1984; 1995; 2005), Quadros (1994; 1999; 2000), Quadros e Karnopp (2004), Felipe (1989; 2001; 2007), Strobel (1998) e Leite (2008). É importante destacar que estes trabalhos não se dedicam exclusivamente

⁸ Entenda a gramaticalidade como a forma estrutural da língua.

ao tópico sintaxe, mas tratam-se de obras que abordam as questões gramaticais da Libras e nelas o componente sintático é explorado.

Merece destaque o trabalho de Moraes (2013), que dá um pouco mais de folego às discussões, com a dissertação de mestrado *A gramática da língua brasileira de sinais: aspectos sintáticos*. Miranda (2008) é outro autor que coloca mais especificidade no estudo do mecanismo sintático da Libras, discutindo em sua dissertação de mestrado as possíveis formas utilizadas pela Libras na construção de sentenças topicalizadas.

Observa-se uma grande carência nos estudos linguísticos da Libras, fato que se explica pela sua história de apagamento e condição de língua minoritária. Assim, há muito a ser estudado em todas suas áreas. Dos estudos já realizados, destacam-se os nomes de Brito (1995), Quadros (1999) e Quadros e Karnopp (2004), que postulam que a Libras possui como ordem básica a estrutura SVO e a partir desse ordenamento sintático outras construções são derivadas. Os nomes acima citados formam uma base teórica bastante respeitada na área, de modo que se configuram como uma referência sólida para os trabalhos subsequentes.

Realizada essa breve conceituação do que se entende por sintaxe e apontados os principais estudos realizados para a Libras, a tarefa do próximo tópico será adentrar nas discussões sobre a organização sintática dessa língua.

2 A organização sintática da Libras

As línguas de sinais ganharam mais visibilidade após os estudos de Willian Stokoe na década de 1960. Stokoe foi professor na Universidade de Gaullaudet e desenvolveu um importante trabalho que contribuiu para o reconhecimento das línguas de sinais como língua natural dos surdos. A pesquisa central de Stokoe foi desenvolvida com base na *American Sing Language* (ASL), e os resultados comprovaram que as línguas de sinais apresentam todas as características das línguas orais.

Os achados de Stokoe (1960) vieram de encontro a muitas concepções falsas que pairavam sobre as línguas de sinais, principalmente no que diz respeito ao aspecto estrutural dessas línguas. Acreditava-se que as línguas de sinais não possuíam uma estrutura ordenada capaz de propiciar uma comunicação efetiva. Como aponta Capovilla (2004, p. 224):

[...] a arbitrariedade das relações entre o signo e seu referente, e a iconicidade de certos sinais era visto como prova de sua inferioridade. À época concebia-se a língua de sinais como uma forma inferior de comunicação composta de um vocabulário limitado de sinais equivalentes à mera gesticulação mímica e pantomímica, sem estrutura hierárquica, gramática ou abstração, limitada a uma representação holística de certos aspectos concretos da realidade.

No tocante à Libras, Quadros e Karnopp (2004) postulam que essa língua possui uma gramática própria e não é derivada das línguas orais. O primeiro aspecto importante a se considerar sobre a Libras é o fato de esta ser uma língua de modalidade visual-espacial, diferente das línguas orais que são orais-auditivas.

Segundo Brito (1995):

A libras tem sua estrutura gramatical organizada a partir de alguns parâmetros que estruturam sua formação nos diferentes níveis linguísticos. Três são seus parâmetros principais ou maiores: a Configuração da(s) mão(s) – (CM), o Movimento – (M) e o Ponto de Articulação – (PA); e outros três constituem seus parâmetros menores: Região de Contato, Orientação da(s) mão(s) e Disposição da(s) mão(s).

Tais parâmetros, associados com o uso de marcadores não manuais (MNM)⁹, que envolvem movimentos da face, olhos, sobrancelha, cabeça e tronco (STREIECHEN, 2013), permitem que toda e qualquer ideia seja transmitida e/ou recebida por meio da Libras – tanto conceitos concretos quanto abstratos.

Segundo Leite (2008), os estudos sobre a sintaxe da ASL e das demais línguas de sinais tiveram um maior impulso a partir da década de 1970. Até então se acreditava que a ordem das estruturas era livre, pelo fato de que em contextos comunicativos diferentes a ordem sujeito–verbo–argumentos se alternava.

Algumas características que podem ser observadas na estrutura da Libras: ausência de preposição, de conjunções e de verbos de ligação; ocorre a incorporação de verbos direcionais ou com concordância ou flexão, típico de línguas espaço-visuais (BRITO, 1995).

A estruturação das sentenças na Libras, assim como nas demais línguas de sinais, ocorre por meio da manipulação dos sinais no espaço. O espaço de sinalização compreende uma área delimitada na frente do corpo da pessoa, que se

⁹ Os MNM são de extrema importância no desenvolvimento de uma conversação em libras, visto que a ênfase atribuída por determinado MNM pode mudar o significado dos sinais.

estende do topo da cabeça até os quadris. O arranjo dos constituintes de uma sentença da Libras se dá na abrangência desse espaço, e o final de uma sentença é indicado por uma pausa (QUADROS, 1995).

O espaço é bastante importante na sintaxe da Libras, visto que é o local onde ocorre a organização dos objetos e referentes que estão presentes e também não presentes no momento da enunciação. Outras características também são observadas na Libras, como:

marcação de concordância durante o uso de verbos com concordância; uso dos elementos necessários para marcação de concordância com verbos sem concordância (auxiliar, ordem linear, topicalização e foco); uso de estruturas complexas (interrogativo, relativas e condicionais); uso de topicalização; uso de estruturas com foco e uso de marcação não-manual gramatical para realização de concordância; perguntas QU e sim/não; negação (STUMPPF, 2005 p. 25).

2.1 O componente verbal da Libras

Para entender como se dá o arranjo sintático da Libras é necessário conhecer um pouco sobre o componente verbal dessa língua, visto que, na articulação das sentenças, o sintagma verbal¹⁰ tem um papel bastante importante na “atribuição de caso gramatical e de papel temático a um dos termos da sentença” (CASTILHO, 2010, p.688). Quadros e Karnopp (2004) dividem os verbos da Libras em três classes principais¹¹: verbos simples ou sem concordância, verbos com concordância e verbos espaciais.

Os verbos simples ou sem concordância, também chamados de não-direcionais, são caracterizados por não serem marcados pela concordância, ou seja, estes verbos não apresentam informações impregnadas acerca da pessoa, número ou aspecto. Assim, seus argumentos devem ser expressos na construção da sentença, visto que a ausência implica na sua agramaticalidade.

Brito (1995) divide os verbos simples em três classes:

- os ancorados ao corpo (ou realizados muito próximo a ele): são verbos não-flexionados, portanto sujeito e objeto são marcados na construção da sentença;

¹⁰ O sintagma é uma unidade sintática composta por um núcleo uma margem esquerda e uma margem direita (CASTILHO, 2010). No caso da Libras o sintagma pode ser verbal, nominal, adjetival e adverbial.

¹¹ Há outras classificações dos verbos da Libras, entretanto este trabalho discutirá apenas a classe principal, que servirá de apoio para o entendimento da sintaxe.

- os que incorporam o objeto: são verbos que articulam simultaneamente verbo e objeto; um mesmo sinal traz as informações do verbo e do objeto que são referentes da sentença;

- os que apresentam flexão com o sujeito ou objeto: são verbos que não apresentam um movimento linear e assim flexionam com o sujeito ou objeto da sentença.

Morais (2013) pontua que, devido a característica de não-concordância, a articulação dos verbos simples costuma se dar ancorada ao corpo ou bem próximo a ele, com pouco uso do espaço de sinalização que é característico nas demais classes de verbos. Alguns exemplos de verbos sem concordância são: comer, amar, gostar, sentir, quebrar, conhecer. Observe abaixo algumas sentenças afirmativas com o uso de verbos sem concordância:

(1)

- a. Carlos **COMER** maçã.
- b. Carlos **GOSTAR** livro.
- c. * Carlos **QUEBRAR**.
- d. Carlos **SENTIR** frio.

Streichchen (2013) ressalta que o sinal dos verbos simples nunca varia, sendo realizado com a mesma configuração de mão, locação e movimento, independentemente da pessoa do discurso. A autora exemplifica esse fato com o verbo “trabalhar”:

- EU TRABALHAR – “Eu trabalho”;¹²

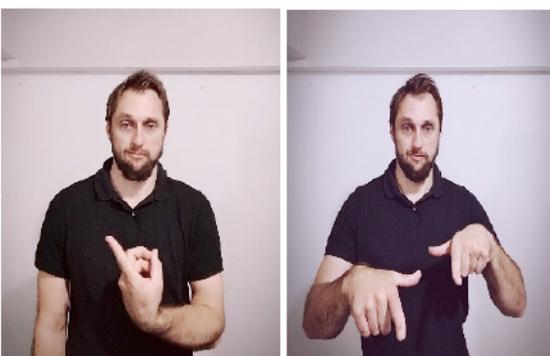


¹² As imagens dos exemplos aqui apresentados foram elaboradas pelos autores do trabalho. É importante destacar que os sinais da Libras são compostos por movimentos, o que não pode ser observado em uma imagem. Para maiores informações sobre os mecanismos envolvidos na elaboração dos sinais, consulte Capovilla et. al (2013).

- EL@ TRABALHAR – “Ela trabalha”;



- NÓS TRABALHAR – “Nós trabalhamos”.



Como mencionado acima, os verbos não-direcionais não trazem informações de concordância. Em outras palavras, há a necessidade de que os argumentos desse verbo sejam marcados na sentença, pois a sua ausência culmina em sentenças agramaticais, como é o caso de (1c).

Os verbos com concordância, ou verbos direcionais, são caracterizados pela marca de concordância. Segundo Quadros e Karnopp (2004), essa classe de verbos flexiona em pessoa, número e aspecto por meio da orientação da mão, que indica o ponto de partida e chegada do verbo.

Brito (1995) pontua que os verbos direcionais apresentam a flexão, de modo que, por meio do movimento de partida, marcam o sujeito, ao passo que o ponto de chegada do verbo define o objeto da sentença. São alguns dos exemplos dessa classe de verbos: ajudar, avisar, responder, provocar.

Morais (2013) ressalta que os verbos direcionais permitem construções com argumentos nulos, pelo fato dessa classe de verbos portar informações a respeito de

seus argumentos. Entretanto, é importante observar que esses verbos são marcados por um por um ponto de partida e outro de chegada. Com isso, a marcação dos argumentos se dá no ponto que inicia o movimento (sujeito) até o ponto de chegada (objeto) ou vice-versa (BRITO, 1995).

Os verbos espaciais, por sua vez, são aqueles que possuem afixos locativos associados a eles. Neste caso, a direção do movimento e o locativo são primordiais para a concordância da sentença (QUADROS; KARNOPP, 2004). Exemplos dessa classe são: colocar, ir, chegar.

Cada tipo de verbo implica e/ou possibilita arranjos sintáticos diferentes na Libras. Assim, o próximo subitem abordará como se organizam os componentes das sentenças em Libras e as motivações que estão por detrás de uma ou de outra forma estrutural.

3 O arranjo das sentenças na Libras

A variação nas formas de organizar os componentes dentro de uma sentença são características observadas, de forma geral, nas línguas naturais. Cada língua escolhe uma ordem dominante de organização das sentenças, o que pode ser observado também na Libras.

De acordo com Quadros e Karnopp (2004), os primeiros estudos sobre a organização dos componentes da sentença foram baseados na ASL (*American Sign Language*). Fisher (1973 *apud* QUADROS; KARNOPP, 2004), ao analisar a ASL, aponta que ordem básica da sentença dessa língua é SVO.

Filipe (1989) e Brito (1995) pontuam que há a possibilidade de várias ordenações sintáticas na Libras, mas que SVO seria a ordem básica dessa língua.

Quadros (1999) afirma que a ordem básica da Libras é SVO¹³, ao passo que as demais combinações, como OSV e SOV, seriam ordenações derivadas da ordem básica. Nesse trabalho, a autora ressalta que arranjos sintáticos em VSO, OVS e VOS não seriam possíveis nessa língua. Entretanto, numa atualização da pesquisa de Quadros (1999), realizada por Quadros e Karnopp (2004), as autoras colocam a ordem VOS como possível na Libras, porém em contextos específicos.

¹³ Leia: S =sujeito, V=verbo, O=Objeto

O tópico anterior desta pesquisa apresentou a classe principal dos verbos da Libras. Os verbos estão estritamente ligados com as possibilidades de arranjos sintáticos, como poderá ser observado a seguir.

Com relação aos verbos com flexão, ou direcionais, a ordem SVO será uma consequência da própria morfologia do sinal do verbo em questão; ou seja, o verbo carrega as marcas do sujeito no ponto que inicia a sinalização e do objeto no ponto que encerra sua direcionalidade. Os constituintes não aparecem separados dos verbos (QUADROS; KARNOPP, 2004).

(1)



1s AJUDAR 2s¹⁴



2s AJUDAR 1s



1s RESPONDER 2s



2s RESPONDER 1s

Como pode ser observado nos exemplos acima, o sinal e a direcionalidade na realização desses verbos incorporam os demais componentes da sentença, i.e., sujeito e objeto. Outro fator importante a se mencionar é que a realização desses verbos está sempre associada com os MNM (marcadores não-manuais), sendo estes de grande importância (MORAIS, 2013). A ausência dos MNM implica na estranheza do entendimento da sentença, o que, segundo Quadros (1999), parece

¹⁴ 1s = 1ª pessoa, 2s = 2ª pessoa.

ser uma forte evidência da obrigatoriedade do uso desses mecanismos auxiliares na realização dos verbos com flexão.

Os verbos sem flexão, ou não-direcionais, são verbos que os argumentos precisam ser explicitados por meio de outros sinais, visto que, diferentemente dos verbos com flexão, esta classe verbal não carrega, em sua forma, as marcas de concordância (QUADROS; KARNOPP, 2004). Outra diferença entre os verbos com flexão e os sem flexão está no fato que estes permitem uma maior mobilidade no arranjo sintático dos constituintes, ao passo que aqueles, como descrito anteriormente, são verbos que os argumentos se realizam incorporados ao verbo, portanto a ordem SVO é restrita.

(2)



(3)



* (4)

S

V

O



<SILVIO>

DAR> ...

(?)

*(Silvio deu ...)

(5)

S

V

O



<FERNANDA>

<AMAR>

<CACHORRO>

(Fernanda ama o cachorro)

Os exemplos acima mostram algumas construções com verbos sem flexão. Foram apresentados exemplos da ordem SVO. Note que a ausência de argumento torna agramatical a sentença, como em (4).

Para Quadros (1999), as construções sintáticas com verbos sem flexão são mais livres. Com estes verbos, há a possibilidade de topicalização¹⁵ do objeto da sentença. Com a topicalização, o objeto é movido para a periferia esquerda da sentença e assim funciona como um pré-anúncio daquilo que a sentença vai expor (IGNACIO, 2007).

¹⁵ A topicalização é um recurso de ênfase muito comum nas línguas.

(6)



(07)



Nos exemplos (6) e (7), os objetos *dançar* e *banana* foram *topicalizados* contruindo sentenças OSV. Os itens *topicalizados* são produzidos com auxílio de MNM. No caso da topicalização, ocorre o mecanismo de elevação das sombrancelhas (QUADROS; KARNOPP, 2004).

Como já exposto, os MNM são de extrema importância para o entendimento das sentenças na Libras. Na sentença (5), pode ser observada uma construção com ordem SVO *Fernanda ama o cachorro*, sendo que uma tentativa de topicalização dessa sentença não pode abdicar do MNM (elevação de sobrancelhas), sob o risco de mudar o entendimento da situação, visto que tanto Fernanda quanto o cachorro possuem propriedades semânticas de ser o agente do verbo amar.

Outra possibilidade de contrução na Libras é a ordem SOV. Nesse arranjo sintático ocorre a focalização de constituintes através da atribuição de ênfase. De

Nos exemplos apresentados, além do que se tem discutido na literatura, pode ser percebido que todas as sentenças construídas na ordem SVO são gramaticais (QUADROS, 2000). Por outro lado, construções sintáticas OSV, SOV e VOS são totalmente ancoradas em MNM. Portanto, a ausência ou má realização de um MNM pode implicar na agramaticalidade de uma sentença. O elemento movido da posição canônica (SVO) deverá receber um componente extra em sua sinalização para que o efeito pretendido se faça eficiente.

Outro dado importante a se destacar sobre a sintaxe da Libras é o mecanismo de apontação. Em sua sintaxe espacial, a Libras se vale do mecanismo de apontação para marcar e/ou retomar constituintes das sentenças que estejam sendo construídas. A apontação realiza-se tanto para referentes presentes quanto ausentes no momento do discurso (CAMPELO, 2011).

Discutir a sintaxe é ter em mente que

a possibilidade de articulação é um instrumento de criatividade linguística na medida em que permite às unidades, uma vez independentes, se recomparam em novas combinatórias, o que não deixa também de constituir economia já que cada unidade pode ser reaproveitada num grande número de combinações (BORBA, 1998, p. 12).

Essa criatividade linguística faz com que o usuário organize os componentes gramaticais de sua língua e com isso se faça entender, persuada e interaja no meio linguístico, valendo-se de todas as possibilidades do seu sistema de comunicação.

Conclusão

Nesta pesquisa foram levantados, com base na literatura visitada, dados sobre o aspecto sintático da Libras, uma língua que, pela sua natureza visual-espacial, tem seus constituintes organizados no espaço. Esta organização não é de forma aleatória, mas, como toda língua, respeita sua estrutura de formação.

Como descrito ao longo do texto, o componente verbal tem um papel bastante relevante nas formas de organizar as sentenças. Verbos direcionais possuem uma ordem fixa de organização das sentenças (SVO). Verbos não-direcionais possuem uma maior liberdade na ordenação das sentenças. Assim, a partir da estrutura considerada canônica (SVO) outras ordenações sintáticas são construídas.

O que se observa na Libras é uma maior recorrência da estratégia de topicalização das sentenças. Na estrutura “tópico-comentário”, um elemento tema é colocado no topo da sentença e recebe uma ênfase especial, seguido de comentários. Essa é uma estratégia verificada em várias línguas. Na Libras, pode ser assumido como hipótese que a natureza de língua visual-espacial exige que as sentenças sejam construídas de uma forma que fiquem mais *visuais possíveis*.

O surdo precisa visualizar a situação enunciada para que esta faça sentido. Dessa forma, construções com topicalizações parecem atender este quesito, visto que o componente mais importante é trazido para o topo da sentença e posteriormente recebe os comentários. Surdos são visuais; assim, a forma como manipulam o material linguístico dialoga com sua natureza, ou seja, a linguagem como espelho da mente, nos termos de Chomsky.

Este trabalho procurou descrever, de forma geral, o aspecto sintático da língua natural falada do povo surdo brasileiro, língua essa que vem ganhando, através das lutas de seu povo, os olhos dos ouvintes.

Referências

BORBA, F. da S. *Introdução aos estudos linguísticos*. 12. ed. Campinas: Pontes, 1998.

BRASIL. *Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005*. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: 12 nov. 2016.

BRASIL. *Lei 10.436, de 24 de abril de 2002*. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: 12 nov. 2016

BRITO, L.F. Similarities and differences and two Brazilian sign languages. *Sign Languages Studies*, v.42, p.45-56, 1984.

BRITO, L.F. *Por uma gramática de línguas de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

BRITO, L.F. (Org.) *Língua Brasileira de Sinais*. Brasília: MEC, 2005.

CAMPELO, A. e S. *Língua Brasileira de Sinais*. Indaial, SC: UNIASSELVI, 2011.

CAPOVILLA, F.C. CAPOVILLA, A. G. S. Educação da criança surda: evolução das abordagens. In: CAPOVILLA, F. C. (org.). *Neuropsicologia e aprendizagem: uma abordagem multidisciplinar*. 2. ed. São Paulo: Memnon, 2004.

CAPOVILLA, F.C.; RAPHAEL, W.D.; MAURICIO, A.C.L. *Novo DEIT-LIBRAS: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (Libras) Baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas*. São Paulo: EDUSP, 2013. v.2.

CASTILHO, A. T. de. *Nova Gramática do português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

CHOMSKY, N. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1965.

CHOMSKY, N. *Reflexões sobre a linguagem*. São Paulo: Cultrix, 1980.

CHOMSKY, N. *Linguagem e Mente*. 3ª ed., São Paulo: Unesp, 2010.

FELIPE, T. A. Bilinguismo e surdez. *Trabalhos em linguística aplicada. Painel: bilinguismo e surdez*. Campinas, SP, n.14, p. 101-112, 1989.

FELIPE, T. A; MONTEIRO, M. S. *Libras em Contexto: curso básico*, livro do professor instrutor. Brasília: Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos/ MEC/SEESP, 2001.

FELIPE, T. A. *Libras em contexto*. Brasília: MEC, 2007.

FRANCO, A. *A gramática no ensino de segundas línguas*. Porto: U.Porto Edições, 1989.

IGNACIO, S. C. E. *O fenômeno da topicalização na escrita do vestibular*. São Paulo: UNIMEP, 2007.

LEITE, T. A. *A segmentação da língua de sinais brasileira (libras): um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos*. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

MIRANDA, J.P.V. *Voz Passiva em libras? Ou outras estratégias de topicalização?* (Dissertação de mestrado). Universidade de Brasília – UnB Instituto de Letras - IL Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas - LIP Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGL, 2008.

MORAES, L. V. A. C. *A gramática da língua brasileira de sinais: aspectos sintáticos*. (Dissertação de Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto alegre, 2013.

NAMURA, M. I. C. *A ordem sintática e a repetição na língua de sinais em São Paulo*. (Dissertação de Mestrado) Universidade de Mogi das Cruzes. São Paulo, 1982.

NEGRÃO, E. V; SCHER, A.P; VIOTTI, E. de C. *Sintaxe: Explorando a estrutura da sentença*. In José Luiz Fiorin (Org.). *Introdução à Linguística - II. Princípios de Análise*, São Paulo: Contexto, 2003.

PEIRCE, C. S. *Semiótica*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

PIAGET, J. *Epistemologia genética*. Trad. Álvaro Cabral. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

QUADROS, R. M. de. *Aspectos da sintaxe e da aquisição da língua de sinais brasileira*. Porto Alegre: Letras de Hoje, 1995.

QUADROS, R. M. de. *Phrase Structure of Brazilian Sign Language*. (Doutorado em Letras). Instituto de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

QUADROS, R. M. de. *A estrutura da frase da língua brasileira de sinais*. In: I CONGRESSO NACIONAL DA ABRALIN, 1999, Florianópolis. Anais do I Congresso Nacional da ABRALIN. Florianópolis: UFSC, 2000.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. *Língua Brasileira de Sinais: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SAUTCHUK, I. *Prática de morfologia: como e por que aprender análise (morfo)sintática*. Barueri, SP: Manole, 2004.

SOUZA E SILVA, M. C. P. de; KOCH, I. V. *Linguística aplicada ao português: sintaxe*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

VIOTTI, E de C. *Introdução aos Estudos Linguísticos*. UFSC (Curso de Licenciatura em Letras-Libras), 2008.

STROBEL, K. L. *Aspectos linguísticos da língua brasileira de sinais*. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.

STOKOE, W. *Sign Language Structure: An outline of the visual communication systems of the american deaf*. Studies in Linguistics, nº 8. University of Buffalo, 1960.

STREIECHEN, E. M. *Libras: aprender está em suas mãos*. Curitiba: CRV, 2013.

STUMPF, M. *Aprendizagem de Escrita de Língua de Sinais pelo Sistema Sign Writing: Língua de Sinais no papel e no computador* (Tese Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRG: Porto Alegre, 2005.

VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1987. *Introdução aos estudos Linguísticos*. Universidade Federal de Santa Catarina Curso de Licenciatura em Letras-Libras, 2008.

Recebido em 18/08/2017

Aceito em 12/12/2017

Publicado em 18/12/2017